

A CRISE MULTIFACETADA E SEUS IMPACTOS SOBRE O MUNDO DO TRABALHO NO TEMPO DA FINANCEIRIZAÇÃO

Palavras-Chave: financeirização, neoliberalismo, expropriação

Autores(as):

Bárbara de Jesus Simões, Ciências Econômicas - Unicamp

Prof(º). Dr(º). José Dari Krein (orientador, CESIT- Unicamp)

INTRODUÇÃO:

Nas últimas décadas, o mundo tem se deparado com uma crise sistêmica que abrange dimensões econômicas, sociais, políticas, valores e de sociabilidade. Postulamos que a gênese dessa crise reside no cerne do capitalismo contemporâneo, impulsionado pela financeirização e hegemonizado pelo neoliberalismo. A compreensão dessa crise multifacetada exige uma análise minuciosa do desenvolvimento histórico da financeirização e de suas desastrosas consequências no mundo do trabalho, evidenciadas pelo aumento da precariedade e pela flexibilização das relações de trabalho, culminando na figura do trabalhador como “empresa de si mesmo”.

O liberalismo, em sua essência, busca apropriar-se da ideia de que o mercado é a expressão máxima de liberdade e igualdade. No entanto, de acordo com a teoria marxista a existência humana é moldada por processos históricos e transformações nos modos de produção. Na visão de marxista, a ideologia burguesa se sustenta na naturalização da pessoa, onde ser livre e igual são pré-condições impostas pelo mercado. Esta perspectiva revela como as reivindicações políticas se reduzem à pessoa, subsumindo o indivíduo aos ditames da circulação mercantil. A crise multifacetada, portanto, está intimamente ligada à operação violenta do capitalismo, cuja sobrevivência depende da expropriação do trabalho, uma característica intrínseca ao seu modo de produção.

No século XX, a humanidade testemunhou duas guerras mundiais e incessantes tensões entre grandes potências econômicas, eventos que desencadearam crises econômicas, sociais e políticas. No rescaldo da Segunda Guerra Mundial, nações afetadas pela devastação empreenderam esforços conjuntos para reconstruir suas economias, liderados pelos Estados Unidos. Este período viu a criação do sistema de Bretton Woods, que ancorou o dólar ao ouro e estabeleceu a moeda americana como reserva mundial. A regulação do sistema bancário e o compromisso estatal com o pleno emprego geraram um período de expansão produtiva e aumento dos salários, refletindo um breve momento de estabilidade e prosperidade.

Entretanto, as contradições internas do capitalismo logo emergiram. O aumento da concorrência intercapitalista, a contestação da hegemonia americana e o acúmulo de dólares fora dos Estados Unidos questionaram a paridade fixa do dólar com o ouro. A resposta foi o abandono da paridade fixa, marcando o início de um novo capitalismo dominado pela financeirização. Este período foi caracterizado por uma agenda de políticas econômicas financiadas pelo Estado, que, paradoxalmente, preparou o terreno para um "movimento conservador radical" que ressuscitou os valores de mercado. Este movimento promoveu a liberdade individual em detrimento da coerção política, maximizando comportamentos econômicos e redesenhando as relações sociais sob a égide do neoliberalismo.

METODOLOGIA:

Para investigar essas transformações, conduzimos uma abrangente revisão bibliográfica centrada na crise multifacetada, na financeirização e em suas implicações no mundo do trabalho. A pesquisa se ancorou em uma análise marxista do capitalismo, revelando como a expropriação do trabalho dos trabalhadores é o núcleo do modo de produção capitalista. Exploramos a complexidade da crise multifacetada e sua interseção com a ascensão do neoliberalismo, um modelo que emergiu com força após os anos 70, introduzindo uma nova lógica na ordem econômica global.

A obra de Belluzzo, "O capital e suas metamorfoses" (2013), oferece uma análise profunda sobre a dinâmica do capitalismo, destacando a dominação econômica sobre o político, a subordinação do trabalho ao capital e a prevalência de um regime de acumulação orientado pela extração de mais-valia e pela expansão do capital financeiro. Belluzzo expande sua análise para o domínio das finanças, discutindo como o desenvolvimento do capital financeiro, especialmente através das sociedades anônimas, cria novas formas de enriquecimento que buscam independência das leis da produção de mais-valia. Esta análise é coerente com a perspectiva marxista sobre as contradições inerentes ao capitalismo.

O texto de Dardot e Laval, "A nova razão do mundo" (2009), é crucial para compreender o neoliberalismo não apenas como um modelo econômico, mas como uma racionalidade que regula a gestão de si próprio e das relações sociais. Eles propõem três teses principais: primeiro, que o neoliberalismo é um sistema normativo eficiente que orienta a prática de governos, empresas e indivíduos; segundo, que a concorrência se torna uma norma generalizada, polarizando a sociedade e minando relações solidárias; e terceiro, que a crise neoliberal é uma crise no modo de governar a sociedade, exacerbada por mudanças políticas e econômicas do século XX.

Eichengreen (2012), em sua análise sobre o fim do sistema de Bretton Woods, proporciona uma compreensão detalhada dos eventos históricos que nos conduziram ao sistema financeirizado atual. O fortalecimento dos mercados financeiros após a crise dos anos 70 e a liberalização das atividades financeiras pelos Estados são elementos-chave para entender este processo.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO:

Os resultados da pesquisa revelam que a análise marxista é fundamental para compreender como o neoliberalismo se apropriou da noção de que o mercado encarna a liberdade e a igualdade. A ideologia burguesa, alicerçada no naturalismo da pessoa, sugere que ser livre e igual são pré-condições do mercado. Essa ideologia é ampliada pela análise de Belluzzo sobre a dinâmica capitalista e pela obra de Dardot e Laval, que evidenciam o neoliberalismo não apenas como um modelo econômico, mas como uma racionalidade que regula a gestão de si mesmo e das relações sociais.

Boltanski e Chiapello (2009), em sua análise sobre o "novo espírito do capitalismo", aprofundam a compreensão de como o neoliberalismo reconfigura as relações de trabalho. Este novo espírito exige dos trabalhadores adaptabilidade, flexibilidade e resiliência, moldando-os para serem movidos por projetos e habilidades interpessoais, em detrimento da especialização. As mudanças na gestão empresarial, baseadas na flexibilidade e na capacidade de adaptação às rápidas mudanças do mercado, refletem a transformação da grande empresa e a nova dinâmica de poder e recursos.

A ascensão do empreendedorismo como forma de autogestão evidencia as implicações profundas do neoliberalismo na distribuição de poder e recursos. Esta ideologia remodela não apenas o mercado de trabalho, mas também desestrutura a coesão social e a mobilidade social, exacerbando a desigualdade e minando as relações solidárias.

Concluimos que o neoliberalismo, fundamentado na concepção de liberdade e igualdade de mercado, tem influenciado profundamente as políticas econômicas e laborais, reconfigurando o mundo do trabalho de forma dramática. As transformações históricas, desde a reconstrução pós-guerra até a financeirização da economia, revelam os desafios monumentais enfrentados pelos trabalhadores diante da desregulamentação e da flexibilização laboral. A ascensão do empreendedorismo como forma de autogestão evidencia as implicações profundas do neoliberalismo na distribuição de poder e recursos, afetando não apenas o mercado de trabalho, mas também desmantelando a coesão social e a mobilidade social, ampliando as fissuras da desigualdade em nossa sociedade.

BIBLIOGRAFIA

Referências bibliográficas:

BERARDI, F. "BIFO". **Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

Belluzzo, L. G. de M. . **O capital e suas metamorfoses**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2013.

EICHENGREEN, B. **A globalização do capital: uma história do sistema monetário internacional**. São Paulo: Editora 34, 2012.

FERES, Lucas Prata. **O trabalho no tempo da financeirização**. 2022. 1 recurso online (155 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/7583>. Acesso em: 9 jan. 2024.

FINESCHI, Roberto. Violência, clase y personas em el capitalismo crepuscular. **Punto de vista Internacional**, 21 fev. 2021. Disponível em: <https://puntodevistainternacional.org/violencia-clases-y-personas-en-el-capitalismo-crepuscular/>. Acesso em: 10 jan. 2024

MORIN, Edgar. A crise de uma humanidade que não consegue se tornar humana, segundo Edgar Morin. **Revista IHU**, São Leopoldo, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600849-a-crise-de-uma-humanidade-quenao-consegue-se-tornar-humana-segundo-edgar-morin>. Acesso em: 10 jan. 2024.

STREECK, Wolfgang. Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático. Lições Adorno em Frankfurt (2012). Tradução de Marian Toldy e Teresa Toldy. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOLTANKSI, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo, Martins Fontes, 2009.

MAZZUCHELLI, F. **Os dias de sol: a trajetória do capitalismo no pós-guerra**. Campinas: Facamp Editora, 2013.